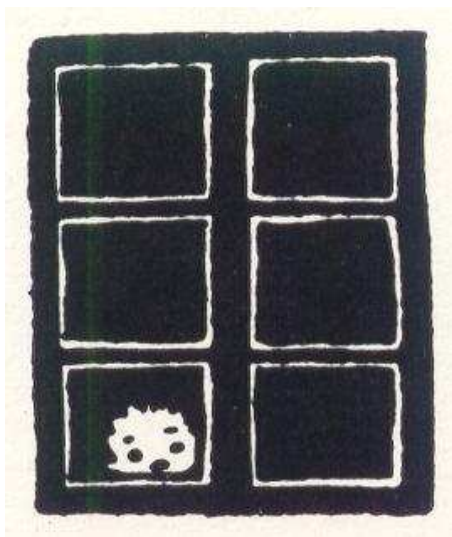


Uma velha Galescola: “As escolas do Ensino galego”

[Pre-print. Texto final publicado em VV.AA.: “A escola das Irmandades da Fala e outras experiências pioneiras e inspiradoras”, Narom, Semente trasancos, 2016, p.7-58



Gravura, Castelao, Nós

N.B.

Há dez anos, em 2006, escrevi para o Portal Galego da Língua, um texto em 4 partes sobre as “Escolas do ensino galego” que criara a Irmandade da Fala da Crunha e dirigira Ánxel Casal. O conjunto publicou-se na seção ‘De Cánones e canões’, que bastante a sério mas com não pouca ironia subversiva pretendia ligar algumas anedotas do passado com cousas que passavam no presente.

Naquele presente, ainda estava fresco o plágio que a Xunta do Governo no bipartido, fizera com o nome e projeto das “Galescolas” que preparava desde 2004 a rede VOGAL (Viveiro e Observatório das Galescolas) e o reintegracionismo. As “Galescolas” da Xunta, não chegaram a desenvolver as ideias e potencialidades que desenhara a VOGAL e depois, convertidas pelo Governo do PP em creches “Galiña Azul” demonstraram que a via do público era difícil e que com a deriva ultra-nacionalista do Estado - mesmo dentro das delegações autonómicas - ia ser impossível consolidar um projeto escolar galego, alternativo e galeguista.

Dez anos depois, promovidas e mantidas com esforço privado pelo reintegracionismo de base, contamos com o projeto das **Escolas de Ensino Galego Semente**, que

tomaram o seu nome daquelas criadas pelas Irmandades da Fala. Consolidadas em Compostela, Vigo e Trasanços e nascentes em Lugo são uma iniciativa social sem ánimo de lucro que pretende conformar, junto com outros projetos semelhantes, as bases necessárias para a criação da **Escola Nacional Galega**.

Nestes dez anos, muitas das teses e programas defendidos pelo reintegracionismo foram se filtrando à sociedade mas também vieram-se confirmando muitos dos supostos que a respeito da importância da destruição da sociedade civil em 1936 (e até hoje) e da fragilidade da memória histórica sugeriam aqueles textos.

Originalmente publicados no site do antigo PGL entre os meses de maio e setembro, foram escritos com base a um apêndice (Ánxel Casal e a proposta pedagógica das Irmandades da Fala. As Escolas do Ensino Galego) da minha tese de Doutoramento, dirigida e na que não pouco ajudou o caríssimo Xosé Maria Dobarro Paz, mas saíram como todos aqueles textos, improvisadamente. O segundo ia dedicado "*Para VOGAL, obviamente*" e o quarto ao amigo Salvador Mourelo. Estes artigos foram depois cedidos e divulgados pelo Heitor Rodal através da VOGAL.

Permiti-me a liberdade hoje de os alterar um bocadinho dividindo em quatro partes mais uma coda, colocando as Ilustrações que acompanhavam os artigos e trasladando a bibliografia do segundo ao final. Afortunadamente, alguns dos dados foram neste tempo aprimorados e corrigidos por contributos posteriores e é por isto que optei por corrigir alguns dados do texto original, para agasalho e contributo ao trabalho exemplar dos amigos das Sementes.

Valladolid, 14 de abril, 2016

I. Uma velha galescola

Seja logo a escola o lar da Galicia. E que todo desde o lâr até o insino mais alto fágase pensando que o saber soio val. J. V. Viqueira, "A nossa escola", *A Nosa Terra*, 30-8-1917.



[Os alunos das Escolas de Casal con Manolinha Somoça, na porta da Igrexa de Santo André (em SIXIREI, Carlos *Alfredo Somoza. Encadramento histórico dunha figura esquecida do galeguismo*, Edicións do Castro/Documentos 37, Sada-A Coruña, 1987)]

Talvez sejam estes tempos indicados para fazer memória. Talvez nas recordações possamos manifestar o noso actual estuporamento e evidenciar prácticas lamentáveis que non só atentam contra a intelixencia, contra a cidadanía, contra o reintegracionismo, senón já e directamente contra a mesma tradición galeguista.

Tenho que confessar que a primeira vez que eu escutei falar da existencia de uma escola laica, em galego e moderna foi, há 11 anos, na boca de um dos mais perigosos reintegracionistas e encantadores cidadãos que nunca conheci.

Com motivo do centenário do nascimento de Ánxel Casal, Júlio Cuba professor daquela do Instituto Monte Alto (agora Ánxel Casal) organizara uma série de actos e conferências que resultaram muito emotivas pola participación -canda algum estudioso- de testemuñas de excepção: Manuel Casal Agra, irmão de Ánxel silenciado por 60 anos, Elvira Varela Bao, filha de

Bernardino Varela e da valente mestra republicana, galeguista e feminista Elvira Bao, Antón Galán Calvete, irmão do genial e brilhante Pedro (mártir), Avelino Pousa e Jenaro Marinho del Valhe.

Aquela série de conferências ante um público misturado de rapazes de instituto, pessoas do mundo da cultura e crunheses saídos como de catacumbas teve momentos electrizantes. Um mundo poderoso e desconhecido abrolhava na palavra daquele pessoal tão fascinadoramente moderno apesar de que passava compridamente dos 70.

Depois duma palestra, na hora dos vinhos, sempre gratos às confidências, lembro Marinho falando com aquela paixão maravilhosa com que evocava, das “Escolas do Insinho Galego” (1924-31).

Pouco depois, publicaria um texto que nalgum dos seus trechos recolhe aquelas suas palavras que agora lembro (ao igual que o sabor do vinho, a sua gabardina, tenra voz e branco cabelo). Nunca será o mesmo, que escutá-lo mais penso que nestes tempos tão agitados merece a pena recuperar este parlamento.

Deixo a voz do sempre saudoso Marinho, para introduzir este tema, que tratarei de completar em breve (Isto é: continuará).

Casal Pedagogo

A diferença das cidades interiores, nas que o campo, o ambiente rural, entra-lhes polos quatro pontos cardinais, o tómbolo corunhes, rodeado de mar por tres quartas partes do seu perímetro, só mantém comunicação con esse ambiente que constiue a grande reserva de galeguidade (que ralea em quanto que toma contacto com asfaltos e cimentos urbáns) por um estreito istmo e ista circunstância geográfica dá cidade, para quem a visita com superficial mirada turística, um certo carácter de alheamento do autóctono ser galego, alheamento que é mais aparente que real e que em mais de umha ocasom se tem salientado com pouco amistosas intençons por gentes de escasas e ainda nulas simpatias para com o ideario nacionalista.

O apoio popular que em todo tempo recibim persoas, instituçons e proxectos de inspiraçon galeguista desminte tal alheamento. Ángel Casal é um exemplo destacado, entre outros muitos cujos nomes pouco o nada diram ao leitor (Bernardino Varela, Fernando Blanco, Manuel Lemos, Benito Ferreiro...) do galeguismo que latita no comum da cidadania local a miudo ensombrecido e silenciado pola balburdia de umha elite social empoleirada nos ramos privilegiados do Poder, a Economia e a Burocracia estatal, muito numerosa na Cidade. Na Irmandade da Fala inícia Ángel Casal a sua formatura e actividade nacionalista em estreita colaboraçom e camaradagem com os antes citados mais outros que por haver usado da escrita no boletim social alcançaram algunha maior notoriedade como Federico Zamora, Xavier Pardo, Víctor Casas, Francisco Abelaira, Jacobe Casal... Numerosa família que arroupa Ángel, que nela se sinte cordialmente integrado. Difícil aceitar que num ermo estéril (hostil) prolifere tanto manto verdegal de galeguismo.

Calculo que a profissom editorial que Casal inicia em sociedade com Leandro Carré em Lar e continuada despois do rompimento social, por motivos puramente económicos, com Nós, onde chegaria ao audacioso intento de fundar um diário vespertino El Momento que havia de ser dirigido por Antonio Villar Ponte, do que houve de desistir-se aos poucos números também agora por penúria económica, ha de ser a mais socorrida por quantos agora lhe rendam homenagem de lembrança, especialmente durante a sua aitividade em Compostela. É por isso que eu trato de focar a minha mirada em outro Casal menos conhecido: o Casal pedagogo.

A semente deitada por Joham Vicente Viqueira no fecundo terreo irmandinho prendeu com inusitado vizo e marcadamente nos mais jovens. Na mente de Ángel Casal rebuliam sobranceiras as ideias do ilustre pensador referidas à Escola Galega, assim concebiu o audaz intento de criação das Escolas do Ensino Galego que se foi secundado por todos os camaradas com adesom calurosa nom ha dúvida algunha que dele partiu o impulso inicial e ele foi o principal promotor e organizador. Um mes antes da instauraçom em Espanha da ditadura de dom Miguel Primo de Rivera, -que nom se mostrou tam agressivo para com as culturas nom castelhanas como anos depois o General Franco e os secuaces servidores de um nazismo espanhol que nom necessitou esperar polo exemplo hitleriano por contar com próprio avoengo e que ainda hoje pula por reagir baixo transparente disfarce democrático-, forom redigidas e publicadas umhas "Bases das Escolas do Insino Galego" de autoria quase esclusiva de Ángel Casal. Segundo a Base 4ª: " A Irmandade da Fala da Cruña comprométese a ceder gratuitamente um espacioso local para o funcionamento da primeira Escola", e a Base 8ª estipula que o ensino será gratuito assim como os livros e demais material preciso. Logrado o número suficiente de sócios protectores, reclamados pola Base 3ª para sufragar os gastos começa a actuar a primeira Escola em Abril do ano seguinte tras oito meses de gestaçom. Ángel Casal é nomeado Director e os alunos ocupam uns "pupitres" que nom custarom mais que o valor da madeira que os carpinteiros nada quiseram cobrar por um trabalho que beneficiava à comunidade em que eles próprios estavam interessados. Sem apoio de Poderes públicos, intelectuais, nem políticos em breve tempo se vé realizado um proxecto mercede ao esforço e colaboraçom do povo ilustrado e artesanal. Salutar exemplo a ter presente nos dias de hoje.

Foi em aquela Escola e as horas em que as liçons davam fim onde eu tive asiduo trato com Ángel Casal que sempre optimista conseguia ladear qualquer obstáculo que lhe entorpecesse um labor que estava seguro renderia frutos compensadores de todo sacrificio. Darei-lhe a palavra: "Istes tempos non son tempos de trunfo, son tempos de loita; de loita individual e en todol-os terreos: no trabalho, no café, na rúa... contra un e contra todos (...) E como a nosa xeración non será a que vexa brilar con todo o esplendore a estrela que nos guia, é indispensable, para que o noso traballo non sexa interrompido, cuidal-a educación dos que veñan".

Depois, durante a sua vecinhança em Compostela, a nossa relaçom persoal foi mais esparcejada reducindo-se a epistolar. Como continuava recebendo-se na Corunha correspondência e petiçons de livros á Editorial, eu fiquei ao cuidado de trasladar-lhe o

correio ao novo endereço sem que apenas outro tema apareça nos cartóns postais que intercambiavamos.

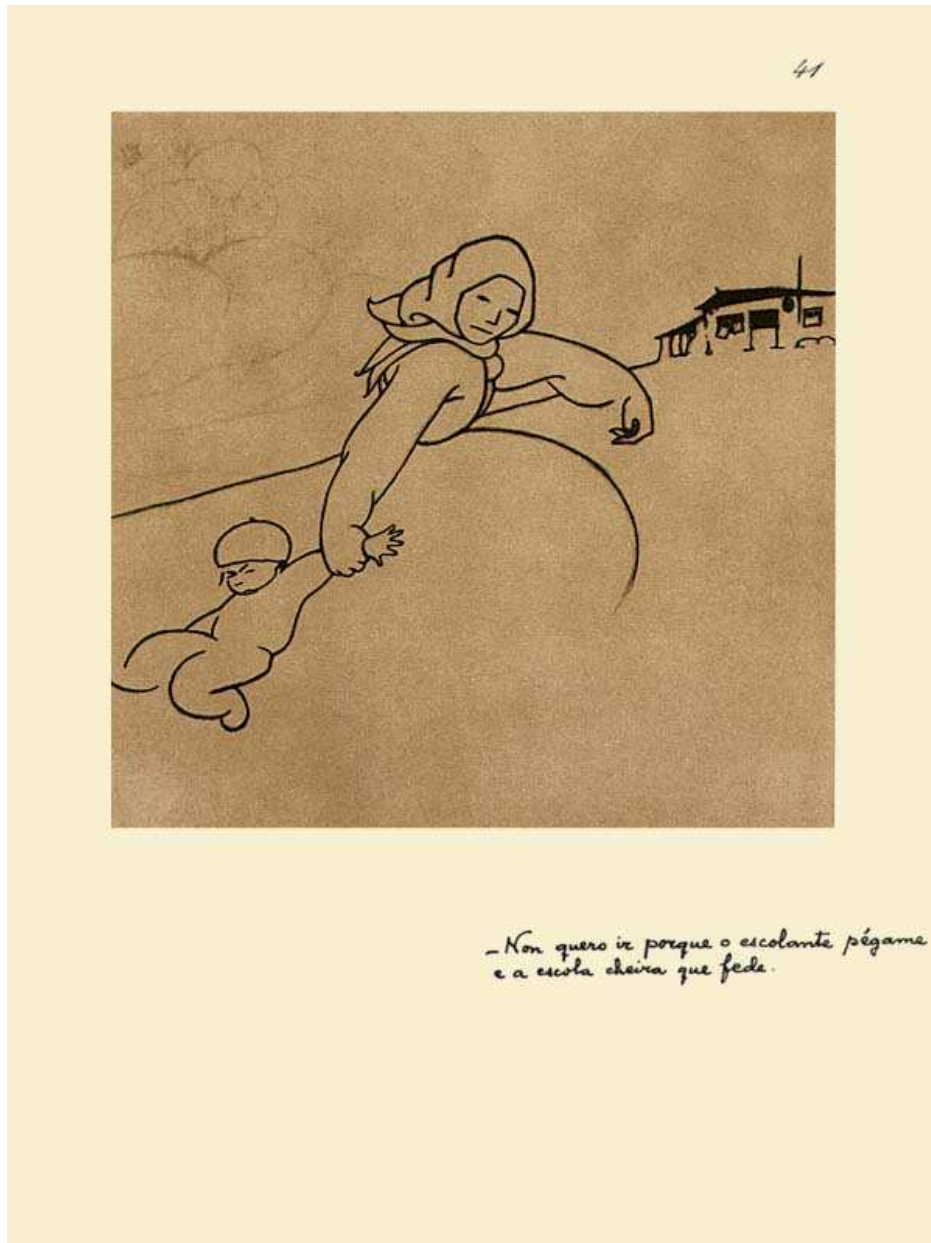
Se todo artista se valora pola sua obra também todo educador ha de valorar-se polos seus discípulos. De Casal conhecim vários que dam fé das excelentes dotes educativas do seu mestre; mas entre todos merece-me especial mençom Pedro Galán Calvete. Nom teria mais de dez ou doce anos quando o professor dou-mo a conhecer como o rapaz mais inteligente de quantos passaram polas suas aulas. Éra-o certamente, como podem comprobar no tempo em que as nossas vidas correrom unidas polo afecto e a comunhom de ideais. Oito anos mais velho sentim por eles esse amor do irmao mais velho para o mais pequeno. Foi o discípulo máis adicto e fiel seguidor do exemplo e liçons do Mestre que um educador pode apetecer. Na flor da adolescência foi a primeira vítima sofrida pola Mocidade Nacionalista da Corunha (depois seguiriam-lhe Jenaro Ruano, Leandrinho Carré (Fausto Brand), Joan António Suárez, Carlos Fontela...) abatido pola mesma sanha nazista que pouco despois segaría a vida do Mestre.

Ja nom haverá mestres de galeguismo tam adicados como Ángel Casal; mas há por ventura discípulos: futuro esperanzador que faz que no triste ocaso da minha ja inútil existência ainda sinta alegria de viver.

Jenaro Marinhos del Valle (En VV: AA., “Ánxel Casal Editor e galeguista”, Suplemento, *A Nosa Terra* Nº 700, 16-11-1995, p.4.)

II. “As escolas do Ensinho galego”

Istes tempos non son tempos de trunfo, son tempos de loita; de loita individual e en todol-os terreos: no traballo, no café, na rúa... contra un e contra todos (...). E como a nosa xeración non será a que vexa brilar con todo o esplendore a estrela que nos guía, é indispensable, para que o noso traballo non sexa interrompido, cuidal-a educación dos que veñan. (Ánxel Casal, *A Nosa Terra*, 203, 25-7-1924)



Album Nós, Castelao

A ausência da alfabetização na própria língua (que todos os galegos temos padecido) tem uns efeitos devastadores. Para além da destruição programada da nossa língua e/ou nacionalidade, afecta a capacidade das pessoas para construirmos com maturidade a curto e meio prazo o nosso pensamento oral e escrito. A longo, reduz as

possibilidades de integração e relação dos adultos em todos os elementos conformadores de uma sociedade plena.

Privar um homem ou uma mulher das possibilidades de se exprimirem como adultos dentro do arco lógico que lhes é adequado e rendível por tradição e jeito de enxergar o mundo, é uma brutal mostra de barbárie, crueldade e intolerância. Esta reivindicação tão simples é a mais antiga e ainda continua a ser a mais presente.

A preocupação por uma escola galega vem de longe, acompanha toda a história do galeguismo e ainda se manifesta em experiências pontuais de galeguização escolar rural e urbana a mediados e fins do XIX. Será, mais uma vez, com as Irmandades da Fala, que se elaborem planos e programas concretos que recolhem os trabalhos teóricos de Porteiro Garea, Lois Peña Novo, Victoriano Taibo, Vicente Risco e fundamentalmente (como já destacaram Suso Torres Regueiro e António Gil) J.V. Viqueira, que sentariam as bases e linhas gerais para uma re-organização do ensino desde perspectivas modernas e galeguizadoras.

No número 5, 25 de Dezembro de 1916, de *A Nosa Terra* aparecia um artigo da mais raivosa actualidade: "Pol-as escolas galegas", assinado por L. de Sergude que, entre outras cousas, declarava:

Os nenos das nosas aldeas e vilas falan galego: fálanlo enxebremente, e nos seus beizos de anxeliños é unha música a dozura d'ista nosa fala melosiña. Pro cando chegan a teren seis ou sete anos, á estes nosos neníños ridentes e falangueiros mándannos á escola pra que adeprendan á lér. [...] Os mestres, [...] desconecen a nosa fala, dispréciana, aborrécena, e fan que os nenos, que por eles se guían, vayan pouco á pouco esquecéndoa, mirándoa coma un languaxe dispreciabre.

Nista mais que en cousa ningunha poñen tino os escolantes; e cóidanse moito de que os malpocadiños nenos non falen nin tan siquera antre eles na lingua que as suas nais lles ensinaron, na bendita lingua da nosa terra.

E os nosos bós neníños de hoxe serán mañán homes que afeitos a ouil-o mestre primeiro, despois escoitando o que din da nosa fala xentes que soilo conecen o galego adulteirado pol-a mistura da pronuncia castelá, coidarán que en verdade a fala da terra galega é pouco grata, é burda e dispreciabre.

Isto hai que evitalo. Hai que facer porque os nenos que falen galego ao chegaren a escola, sigan nela, [...] adeprendendo e perfeizoando a fala propia, lendo os esqurtores e poetas galegos, espertando, en fin, na sua yalma a redentora ideia da personalidade da raza.

Os mestres nados nesta terra aldraxada e escarnecida de cotio poden e deben pór ao servizo da Pátrea o seu corazón de homes e a sua intelixencia d'encamiñadores da xuventude. E se por encuanto non podemos facer que en total-as escolas púbricas sexan galegos os mestres, entendo que os bós fillos da Galicia que loitando pol-a vida en terras de alenmar teñen a saudosa lembranza da Pátria befada pol-os que se chaman seus hirmáns, e nela sosteñen escolas, poden facer moito no senso de rexurdimento galego.

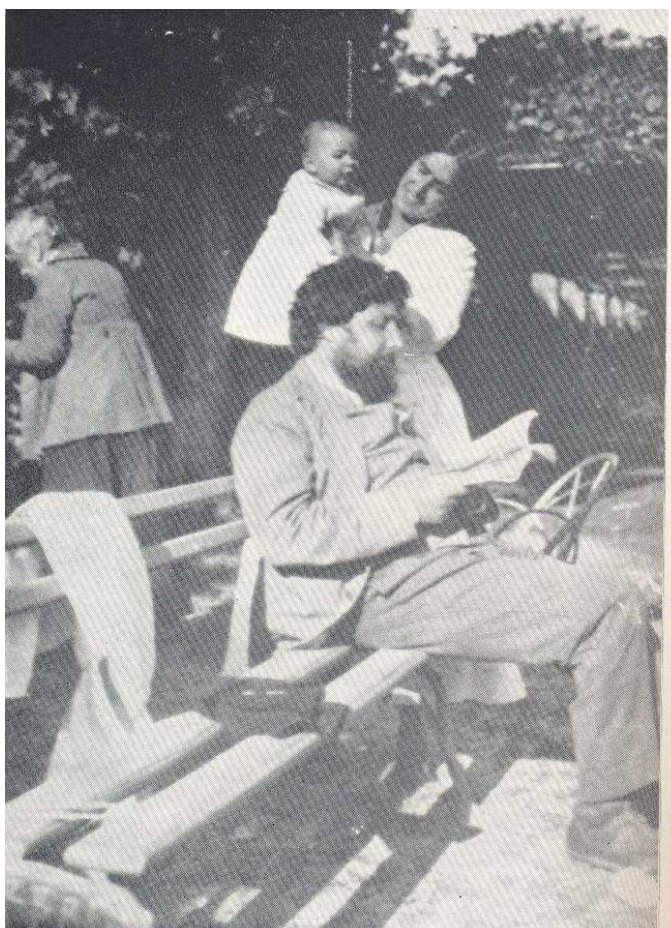
O ben de Galicia recrámao. Que os pobos que non teñen un alma desperta, viva, latexante, desaparecerán decontado da terra. E a yalma dos pobos é a sua fala.

No número seguinte, 5 de Janeiro de 1917, Victoriano Taibo, mestre, insiste no tema num artigo intitulado "A fala no ensino":

¿n'é de xustiza pedire, inda mais, esixire, qu'os mestres d'escola en Galicia, sexan gallegos pra poderen darlle o ensino en galego, sen esquecer o castelán, millor dito, espricando o castelán valéndose do galego, ós neníños? Estes non adeprenderán eisi ben o que d'outra maneira adeprenden cativamente?

Também, num relatório sobre a necesidade do uso do galego em diferentes ámbitos sociais (burocracia, justiça, relixião, banca, medicina) desde o punto de vista de destacados profesionais de cada un deles (Gil Casares, Porteiro...), o mestre Enrique Castiñeiras Díaz aborda deste xeito tão dereito o problema do ensino ("Falan autoridades na materia. Cousas que non temos d'esquencere", *A Nosa Terra*, 8, 25-1-1917):

A imposición da escola primaria castelana, é un atentado continuo ó dereito dos nosos fillos; pónos en situación d'humillante inferioridade, e fai, pouco menos que imposible, a percisa compenetración entre a escola y-a familia. Termen d'isto os nobres patriotas das Sociedades d'Instrución d'América.



[J. V. Viqueira (VIQUEIRA, J.V.: *Ensaos e poesías*, Vigo: Galáxia, 1974)]

Johan Vicente Viqueira, formado na *Institución Libre de Enseñanza* e que acabava de ingresar na Irmandade crunhesa, será a figura que dedicará mais páxinas á problemática do ensino, do galego e da súa escrita. Viqueira destacava (substituíase a raça por nação da retórica da época) numa série de artigos para ANT:

¡Qué magoa para un galego enxebre, europeo moderno, cando considera o estado do seu povo! O mundo enteiro parece decirlle: “non, vós non sodes, pouco a pouco ides morrendo!; il sabe que isto non é certo, que aínda latexan as vellas virtudes nos espíritos galeicos que farán unha grande Galicia; quixera espertalas, busca a parola meiga, en'atopa! [...]

Non esquezamos que un meio poderosísimo para o espertar da raza é a escola. Aun debemos pôr os nosos esforzos na creazón d'unha *escola galega*. Como esta escola ha de corresponder á súa outísima misión non ten de limitarse á actual de *escreber, lêr e contar*. -Seus fins son mais elevados!- Sua aspirazón dirígese a facer *germolar* todo canto hay de bô na nosa raza. Surgirá d'ela novamente o vello carácter celta, audaz, forte, romántico, sen quixotismos nen baixezas, equilibrado. Á escola pedimoslle a raza en toda súa integridade: mulleres, homes da nosa raza para loitar, para vencer n'a inmensa loita da vida. Seja logo a escola o lar da Galicia. E que todo desde o lêr até o insino mais alto fágase pensando que o saber soio val cando é saber paea a vida, lembrándonos da nosa raza e dos seus fins da humanidade. [...]

Quixera eu aínda que a escola fixeses mais. Quixera ver n'ela o centro cultural dos campos e das pequenas vilas. N'ela deben fundarse bibliotecas, no posible circulantes; n'ela deben organizarse conferências sobr'os problemas do momento, agrícolas e económicas. [...] (S.(sic) V. Viqueira, "A nosa escola", *A Nosa Terra*, 28-29, 30-8-1917).

O que continuaria, destacando conteúdos, materias de estudo, e algunhas guías (destacados nossos):

A educación estética da infancia e a súa educación lingüística requiren que levemos á escola a poesía, en xeral a literatura popular ou cuase popular, é a cántiga popular. Sería un traballo interesante facer unha antoloxía literaria e musical literaria galega para a nosa escola que permitira realizar o proxeito que expoño. Estéticamente nada pode producir un efeuto máis grande que o arte nado da y-alma do povo; lingüísticamente un galego puro e belo depuraria a fala actual. [...]

Condición indispensable para o denantes exposto é que o mestre en Galicia seipa galego e isto non abranguerese verdadeiramente sinón exigíndollo nas oposicións como unha materia do cuestionario e creando cadeiras de língua e literatura galega nas escolas normaes. [...]

Non podo pretender que meu plan lévese á practica inmediata e totalmente. Precisamos ir facendo ensaios escollendo as localidades e a ocasión. Hay oje mestres que saben o galego e hay escolas normaes en que a introducción do seu ensino non se hacharia difícil. **Lembrémonos ademais que existen en Galicia moitas escolas privadas, que non son do Estado, (un dos fenómenos mais interesantes da nosa vida educacional) e que n'estas encontraríamos un bon terreo para o galeguismo.** Fai falla eiquí, como en todo traballo renovador, tacto, constancia e entusiasmo. (J.V. Viqueira, "O galego na escola", *A Nosa Terra*, 30-12-1917)

A formulación mais completa do ideário de Viqueira recollerá-se na palestra “Nosos problemas educativos”, publicada como folhetim em ANT desde o 30 de Março de 1918. Nela, desde uma perspectiva ampla, recolhem-se as demandas sobre um ensino galego integral, destacam-se os conteúdos desde a escola primária à universidade, a educação da mulher, a reforma ortográfica, a necessidade do ensino do galego-português (sic) dentro de uma perspectiva laica, iberista e republicana.

Nesta linha, no fundamental manifesto, assinado pola directiva da Irmandade crunhesa, "As Irmandades da Fala aos Galegos Residentes n-as Américas" (A Crunha, Julho do 1918), nos 4 primeiros pontos da "Seición de Cultura e Fala", declara-se (destacados nossos):

1º. Formar e millorar unha biblioteca fundamentalmente galega.

2º Crear unha cátedra de galego.

3º Divulgar e fixar o galego imprentando dictionarios, gramáticas, cartillas de leises pr'os labregos, en xeneral, libros galegos.

4º Traballar pol-o ensino, formando un plan pedagóxico pr'a educación galeguista da nosa terra.

5º Pôrse en realcios co-as sociedades culturaes creadas oil-a colonia galega n-as Américas, pra orientálas armonicamente n-un senso máis galeguista.

6º Conquerir unha *Editorial galega*.

7º O intertroque cós centros culturaes de Portugal.

Com as Irmandades arrastadas no projecto político (eleições a Cortes de 1918 e 1919 e municipais de 1920) e editorial (*El Noroeste, Terra a Nosa, Biblioteca galeguista 1918-19*) o aspecto educativo ficará num segundo termo até os anos vinte, continuando nas páginas de *ANT* e depois em *Nós* o labor de denúncia e teorización.

Nos números 6 e 7 (Agosto e Outubro 1921) do *Boletín Nós* V. Risco expõe o "Plan Pedagóxico pr'a Galeguización das Escolas" ("Sacado d'un traballo inédito, encomendado ó autor pol-a III Asambreia Nazonalista Galega tida fai pouco en Vigo"). Este plano, de influencias francesas e alemãs desenvolve sete apartados de maneira teórica: I. O Edificio escolar, II. A Escola por adentro, III. A vida n-a Escola, IV. O Escolante, V. Os métodos d'enseño, VI. O galego n-a Escola, VII O ensino d-as cousas da Terra.

A estética e condicións do edificio escolar parecer ser tema da maior importancia, integra-se no coerente discurso das Irmandades para deter a degeneración da arquitectura popular e a da paisagem, facto que já destacaríam anteriormente Antón Vilar Ponte, Porteiro, o próprio Viqueira e até o Manifesto ao Povo Galego, saído da Assembleia de Lugo (o 18 de Novembro 1918):

VII.- Aspectos artísticos

1ª proclamar a soberania estética da Nazón galega que se exercerá:

a) Sobor as construcións urbanas e ruraes, ditándose unha lei que obrigue aos propietarios a axeitare o estilo das suas construcións ó estilo xeneral de cada vila galega.

b) Na expropiación de moimentos i paisaxes

c)Na organización do ensino artístico, con creación d-unha escola musical galega.

Para além destas e outras modernidades daquele princípio de século que hoje apenas apontamos, para Risco, além da importância emblemática da arquitetura escolar, a disposição da aula forma parte das “Condições educativas”:

Compre atender d'un xeito moi especial ó efeuto qu'a contempración da casa-escola ha causar no esprito dos nenos. A escola non debe endexamais sacar os nenos do seu médeo natural.

O neno pol-o tanto non se deb'atopar diante d'un edificio ostentoso, onde somella que ll'han dar d'esmola o ensino y-a educación. A escola debe ser cousa familiar ós rapaces, que non choque c'os seus costumes, c'o que están afeitos a ollar na aldeia ou na vila: unha casa que imitándose ás casas ond'iles viven, sexa ó tempo mais crara, mais sana, mais leda, mais garimosa, que lles poda servir d'eixempro de curiosidade e de bó goberno, eixempro fácale d'imitaren, xa que lles ha mostrar coma se pode vivir con limpeza e comodidade sen ser rico nen ter un pazo fantasioso.[...]

Sexa a escola unha casa d'aspeuto modesto, pro artístico, e com'en Suiza y-Alemaña, do estilo do País.

Para Risco a escola deve prescindir de todo aparato académico, eliminar os objectos tradicionais da aula: as tarimas, as mesas-bancos e substituí-los por "Unha sala ampla, crara, limpa e leda" onde o escolante estea á beira dos rapaces, sentado cabo deles. As paredes da aula deberían estar cubertas de cadros ou mellor de pinturas muraes que "deben rebersentir cousas da nosa Terra" com plantas e flores adornando as salas de aula.

Para Risco a missão educativa da escola baseasse no "respeito á personalidade dos nenos" e no contacto mais intenso "coa santa Terra galega". Para isto há que educar moral e socialmente ao miúdo. Para isto recolhe as ideias do ginásio austríaco de educação na natureza e a teoria da educação (exploradores) baseada no jogo concebido como "un exercicio preparatorio de total-as autivides do home" e para isto "o folk-lore galego ofrécenos un verdadeiro tesouro de xogos educativos".

Risco predica um ensino no que, como Viqueira, quando menos, não se proíba aos rapazes falar em galego e se tenda a unha explicação razoada do castelhana partindo de exemplos galegos, o mesmo que se conheça e estude a língua e literatura do país integrada noutras disciplinas e artes, destacadamente a música e a cántiga popular . Para ele um:

"ensino verdadeiramente galego debe comprender: Xeografía de Galiza. - Estoria de Galiza e vidas de Galegos ilustres - Língua e literatura galega - Arte galega - Ciencias e disciplinas prácticas(agricultura, endustreas, labores, traballos manuais, etc), con apricazóns á nosa Terra. (p.12)

O modelo de Risco, ainda que revela o conhecimento e leituras do autor, não passará de ser umas formulações teóricas fascinadoras (tirando ferro às admirações e as sérias contradições internas da figura do grande e complexo vulto galeguista).

Penso, porém, que Risco e Viqueira, sintetizam muito bem a modernidade do projecto escolar galeguista dentro do que o Estado permitir. A equação educação/galego só tem uma resposta possível. À que chegou VOGAL. A que promoverá entre 1924 e 1931 a IF da Cruña. Dado que como o próprio Risco comentará anos mais tarde (destacado meu):

Aló no ano 1921, por encárrago do Directorio das Irmandades, fixera eu o esquema d'un plan pr'a galeguización das escolas que foi aprobado pol-a III Asambreia Nacionalista Galega, tida en Vigo por abril d'aquil ano, e publicado nos números 6 e 7 do boletín "Nós"[...] **Coma queira qu'a libertade da cátedra estalle interdita ao Magisterio oficial, os escolantes do Estado non poden, anque quixeran, introducir novidades en senso galeguista. Pol-o tanto, hoxe por hoxe, onde se pode traballar unicamente é nas escolas particulares.** [...] Agora quer emprender algo d'isto a Irmandade da Fala da Cruña: libriños elementais de xeografía e historia de Galicia, gramática, vocabulario castelán-galego, etc. Iniciativa loubábele, á que todol-os bos galegos deben axudar.

(RISCO, Vicente, "A galeguización da Escola", *A Fouce*, 29, 1-3-1931.)

III. Montando as escolas

O Día de Galicia foi, e foi notabre, o día que a Irmandade da Cruña puxo escolas de ensino galego, que serán a base de grandes adiantos proveitosos para a nosa Terra, que non precisa mais que amor e actividade dos seus fillos para chegar a donde queira ir. **LESTA MEIS, Xosé, "O Día de Galicia", A Nosa Terra, 203, 25-7-1924.**



Temos destacado, em entregas anteriores como a cuestión pedagógica de avanzada foi un punto central no discurso e reivindicacións lingüísticas das Irmandades. Mas, como chegará a se constituir finalmente o projecto das Escolas do Ensinho galego?

Evidentemente, sem muitas teorías nem apenas debates, apenas com esforço e o concurso de uns poucos, a golpe de quota e compromiso, sem qualquer ajuda oficial e até com as bobagens e sabotagens dos que deveriam ter estado mais atentos.

As primeiras notícias, em concreto sobre ensino nos locais das Irmandades são vagas e referidas aos sócios. Terão como protagonistas a geração de moços que entra na Irmandade em 1916-17. O núcleo duro do movimento, composto por um grupo de moços e moças de classe meia baixa ao que Risco –em carta a Viqueira- se referirá como o Grupo dos vinte.

Este grupo de activistas será o que realmente movimentará a Irmandade desde fins do ano 18 e o que nos anos vinte e logo trinta provocará o verdadeiro salto cultural e político da Galiza. Com estes moços de base republicana, origens trabalhadoras e autodidactas, farão curiosa aliança o resto dos irmãos mais velhos que se integram no grupo da Crunha e não entre as vozes (como se verá nos efeitos de *Mais Alá!* e depois da Assembleia de Monforte, 1922) mais moderadas.

Se Vitor Casas, Ángel Casal, Federico Zamora, Arturo Taracido, Fernando Lago, Fernando Blanco, Benito Ferreiro, são os moços sedentos de ilustração, os seus mestres de língua, história, literatura serão, Florencio Vaamonde, Carré Aldao, Francisco Tettamancy e Manuel Luguís Freire, os discípulos de Murguía.

Os anos de 1916 a 1920 seriam momentos de germolo das consciências e forte actividade político social deste núcleo, sob o liderado de Porteiro, Viqueira e Peña Novo que substituiriam a Rodrigo Sanz, Aureélio Ribalta e Vilar Ponte. A partir da Assembleia de Monforte o nacionalismo fica finalmente dividido nos dous grupos que se apontam desde a morte de Porteiro (líder intelectual e activista político): elites intelectuais (ING) e activistas (IF da Crunha).

Depois do longo processo de rotura no seio do galeguismo que se prepara desde Assembleia de Vigo 1921 com a criação de um directório e explode depois da tomada de poder clássica (golpe de mão por apropriação em convocatória amanhã e sistema de votação na Assembleia) por parte de Risco e o sector intelectual que se produz em Monforte, o grupo da Crunha o mais numeroso e conformado por activistas de base começa a agir por conta própria.

Neste contexto *A Nosa Terra*, 158, 1-3-1922, insere um artigo "Progresamos" (note-se que aparece no mesmo número em que se dá conta da Assembleia de Monforte) em que se destaca:

"Facer unha intensa propaganda entre os mestres d'escola, os cregos e todol-os centros de ensino, especialmente a Universidade con arreglo ao plán pedagóxico das Irmandades, feito por Vicente Risco e xa aprobado na Asambreia de Vigo". "Organización Nacionalista".

Os membros da Irmandade crunhesa, entre outras "novas da causa" dão conta no mesmo da sua actividade propagandista, de captação de sócios e das ofertas de formação que oferecem para os seus membros:

Por primeira vez, dende a fundación das Irmandades, imos establecer escolas nocturnas; esto e de unha importancia que non é preciso loubar; pois ela en por sí sola dí d'abondo.

Non hai misión mais Santa que a do ensino. Houbo alguén que dixo que: "O home que non sabe leer é medio home", nós coidamos que é menor aínda. Aparte do primeiro ensino, establecemos tamén os estudos superiores e os idiomas de maior uso no mundo comercial. Todol-os sábados, drase unha conferencia escolar, excursións ao campo, etc.

De seguir este camiño os Consellos directivos que se sucedan do actual sostendo estas escolas no noso local, temos a fonda satisfacción de que moitos dos alumnos que reciban n-elas o pan da intelixencia, bendecirán decote a esta Irmandade".

A seguir reproduz uma circular enviada polo Director e Conselheiro 1º aos asociados onde ademais de indicar que todas as quinta-feira se juntava a directiva

Temos aberta a matrícula pública e gratuita para as de primeiro ensino, para nenos e adultos, Gramática e Literatura galega, Contabilidade comercial e cálculos mercantís; Francés, Inglés, Caligrafía, Navegación práctica, Historia, Geografía xeneral e particular de Galicia, etcétera, etcétera. As crases darán comenzo en 1º de Marzal, cumprindo un fin cultural galego e serán anunciadas nos xornás

O número 190 de *A Nosa Terra* (15-8-23) publica as "Bases das Escolas do Insiño Galego, anexas á "Irmandade da Fala" na Cruña"[Datado en A Cruña 8 de Xulio do 1923.]. A partir deste momento os chamamentos a protegê-las e as consignas, introduzidas nas páginas do boletim nacionalista, relacionadas com elas vão ser constantes:

E OBRIGA de todo bon patriota contribuir ao sostenimento d-as ESCOLAS D'O INSINO GALEGO.

Hoxe mesmo debe escribirmos indicando a cantidade con que se suscribe a tan grande obra.

O COMITE PRO-ESCOLAS

Praza María Pita, 17, baixo. (A Nosa Terra, 190, 15-8-1923)

PROTEXENDO as ESCOLAS D'O INSINO GALEGO farás mais pol-o ben de Galicia que todol-os deputados n'o Palramento hespañol. (A Nosa Terra, 190, 15-8-1923)

¡PRECISAMOS DE VOSTEDE! Decátese de que si falta a sua cuota, poden fracasar as ESCOLAS D'O INSINO GALEGO. (A Nosa Terra, 190, 15-8-1923)

¡NON NOS DEIXES SOIOS! Si ES AMANTE d'a Nosa Cultura, debes protexer âs ESCOLAS D'O INSINO GALEGO. (A Nosa Terra, 190, 15-8-1923)

As ESCOLAS D'O INSINO GALEGO son os cimentos d'a Galicia d'o porvir. (A Nosa Terra, 191, 1-9-1923)

A MISERIA E FILLA DA IÑORANCIA

O QUE DA INSINO, DA PAN. (A Nosa Terra, 191, 1-9-1923)

¡AXUDENOS VOSTEDE! Co-a sua cuota pode quitar d'a iñorancia a un neno galego. (A Nosa Terra, 191, 1-9-1923)

COTIZAR para as ESCOLAS D'O INSINO GALEGO é traballar pol-a redenzón de Galicia. (A Nosa Terra, 191, 1-9-1923)

Nas escolas en que se prohíbe aos nenos falar no idioma da Terra mátase o sentimento da Patria e incúlcase nos alumnos o desprecio á propia persoalidade

As "Escolas do Insino Galego" tenden a facer homes e non parias

(A Nosa Terra, 192, 12-9-1923)

A cultura fai os pobos libres. Axudando as "Escolas do Insino Galego" traballades pol-a libertade da Patria

As "Escolas do Insino Galego" á par que unha cultura xeneral darán aos homes de mañán unha

Patria de que agora carecen

(A Nosa Terra, 192, 12-9-1923)

Irmandade elegera cargos o 1 de Abril, numa assembleia com caracter re-fundacional na que se recuperam as directrices da Assembleia de Lugo do 1918.

Conselheiro primeiro: Luis Peña Novo.

Idem segundo, Federico Zamora.

Secretário, Tomás Rodríguez Sabio.

Vice, Ánxel Casal.

Tesoureiro, Francisco Abelaira.

Contador, Benito Ferreiro.

Bibliotecário, Leandro Carré.

Vogais: 1º, Carlos Monasterio; 2º, Benito Rodríguez; 3º, Federico Rodríguez Chás; 4º, Xulio Pita; 5º Fernando Blanco.

Esta directiva, mui afastada da I.N.G., expõe un projecto de escola claramente regeneracionista na linha do exposto por Viqueira (e a sua dona), em que se destaca a organización e financiamento, sem esquecer o aspecto pedagógico-teórico.

Base 1º O insiño n'estas escolas faráse no idioma hespañol, si ben utilizando tamén o galego na letura da nosa literatura peculiar e demais libros didaiticos que se poidan outer, e pra algunhas espricaciós de leiciós prácticas, a fin de qu-os nenos poidan comprender mellor as ensinanza d-os mestres.

Base 2º. As "Escolas do Insiño Galego" gobernaránse autonomamente por un Consello ademministrativo formado pol-o Conselleiro 1º da Irmandade da Fala, que será o presidente nado: o Presidente da Sección de Cultura e Fala, tamén da Irmandade, que desempeñará o cárego de Segretario; o Tesoureiro da mesma entidade que n-iste Consello será Tesoureiro-Contador, e dous escolantes d-ambos sexos e reconocido galeguismo, que sexan os asesores técnicos. Tódol-os membros d-este Consello terán voz e voto.

Base 4º A "Irmandade da Fala" na Cruña comprométese a ceder gratuitamente un espacioso local para o funcionamento das primeiras Escolas.

Base 8º O insiño nestas Escolas será gratuito así como os libros e demais material preciso. (Bases das Escolas, ANT, 190, 15-8-23)

A iniciativa deveu, porém, superar vários atrancos. Por unha banda a tradicional oposición ao emprego do galego em novos usos.

FOMENTANDO O INSIÑO (ANT, 190, 15-8-23)

-

As Escolas da Irmandade

O Xefe do actual Goberno ten dito en varias ocasións que *se robustecería a personalidade das rexións e que habería respecto para as linguas rexionais*.

Así o creimos sempre, non só por ser unha cousa xusta senón tamén por sere indispensable. E un feito que a maioría da xente en Cataluña, Galicia e Basconia non falan castelán, como tampouco o falan en Andalucía, inda que os andaluces non teñan tampouco o que se chame un idioma propio, como os anteriores. Non é, pois doado facer que de pronto, por cumprir c'un mandato, todos eses milleiros de persoas rompan a falar nunha forma allea á eles, ao que os seus pais lles ensinaron, ao que a mesma natureza lles dispuxo que falasen. É lóxico, é xusto, que haxa respecto para eses idiomas que veñen de séculos, que son a expresión d'aquelles pobos que deben merecer aos demais os mesmos dereitos e os mesmos respetos que queren para si.

Así o pregoa tamén a Real orden do 21 de Nadal publicada na "Gaceta" do 29 que no seu preámbulo dí:

"Considerando que no existe ninguna disposición que prohiba en el orden privado la enseñanza de dialectos o lenguas regionales, por lo que sin incluirla en los establecimientos docentes oficiales pueda considerarse su enseñanza y práctica particular."

Pol-o tanto nas "Escolas do Insiño Galego" temos perfectísimo dereito á cultivar o noso idioma, que tantos froitos leva dado va(sic) na nosa literatura, e que tantos aínda pode dar.

Pol-o demais, xa é sabido que, nas escolas, que axiña se abrirán, faráse o insiño no idioma hespañol, pois entendemos que mellor é saber dous idiomas que un só, e que pol-o de hoxe para o estudo é indispensable facelo así, inda que tamén por ser necesario faranse algunhas espriciacións en galego para que os nenos poidan comprender mellor as cousas.

Por outra a división interna das forzas nacionalistas, Ánxel Casal vai publicar o artigo "Escolas do insiño galego. Pol-o ben de Galicia" (*A Nosa Terra*, 191, 1-9-1923), toma como exemplo iniciativas precisas como a das escolas para chamar a reorganización e superar ás divisións internas.

ESCOLAS DO INSIÑO GALEGO

Pol-o ben de Galicia

Despois de lidas as Bases d'as "Escolas do Insino Galego", que se publicaron no derradeiro número de A NOSA TERRA, temol-a seguranza de que non haberá ningún galego que non se teña decatado d'a enorme importancia que ten esta nova labor que se impuxo a Irmandade da Fala na Cruña.

Pero nós, que arelamos fundamente o que iste proieito sexa levado á práctica, queremos facer resaltar unha das moitas ventaxas que lle reportará ao galeguismo, despois do de instruír os nosos rapaciños.

As listas dos socios proteitores d'istas escolas serán o vértice onde converxan todol-os galegos que desexan sinceramente o benestar da Patria. O mesmo os que loitan á peito descuberto nas difrentes institucións que representan á nova Galicia; que aqueloutros que, a

pesar de sentir o fogo sagrado do amor a Terra, inda veña actuando dentro dos antigos moldes atados á eles pol-a forza d'os *intreses creados* e pol-a falla de decisión.

D'ista coincidencia n'unha mesma asociazón xurdirán o respecto e a compenetración necesarias entre todol-os amantes da Terra, acabando d'unha vez para sempre con todol-os receios e con total-as intransixencias de que moitos veñen facendo alarde en xustificazón da súa inactividade ou da postura que contra o seu pensar adoutaron.

Ao desaparecer istas divisións fortificaráanse as filas galeguistas, matando así o virus do *divide e vencerás*, que parece haber sido inoculado no noso movemento pol-os enemigos da redenzón de Galicia, que non son os únicos que se beneficiaron e se beneficiarán si seguimos por tan trabucado camiño, namentras perxudicamos o Sagro Ideal que n-un comenzo axuntounos.

Porque temos en conta o ben que se lle fai á Galicia con ista Grande Obra, cuos cimentos xa están postos, non dubidamos que o que deixamos apuntado mais arriba será axiña unha leda realidade; pois non queremos creer que haxa ningún galego que se expoña, cando vexa un nenño nado en Galicia que non seipa lêr, á ter que acusarse ante a súa conciencia de têlo condenado á morte espiritual, por non imporse o sacrificio de contribuir ao sostenimento das "Escolas do Insino Galego". Nin ningún loitador que por un mal entendido amor propio siga retrasando o día da liberación de Galicia.

ANXEL CASAL

Em Setembro publica-se a primeira relação de sócios protectores com as quotas. Casal figura com 5 pesetas -a maior- junto com Federico Zamora, Lugrís, Leandro Carré, Víctor Casas, Xosé Baldomir, Benito Ferreiro, Fernando Blanco, Carlos Monasterio, os irmáns Rodríguez Sabio, Florentino Cuevillas, López Abente, Amado Carballo e Lesta Meis entre outros. En total recadáranse 90,50 pesetas ("Escolas do Insiño Galego", *A Nosa Terra*, 192, 12-9-1923). Entre outros protectores (*ANT*, 193-196) figuram Portela Valladares, de Barcelona, com 25 pesetas, Alfredo Somoza, com 2,50, e Risco, com 2. Em total figuram mais 58,50 pesetas.

Vai por bon camiño a creación das Escolas para nenos que esta Irmandade fai mentes de establecer no seu amplo local.

As cuotas suscritas polos bôs galegos aumentan notabremente e agardamos que aqueles que ainda non deron o seu nome para contribuir ao sostenimento da escola, que tanta falta fai, xa que ainda hai que crear moitas para atender ás necesidades da Cruña, farano axiña.

A cultura dos pobos é o que mais contribue á súa riqueza, ao seu progreso; e nós queremos pol-o mesmo contribuir coas nosas forzas á cultura dos nenos galegos ("As Escolas da Irmandade", *A Nosa Terra*, 195, 1-11-1923.).

Começaram também a montar unha biblioteca na Irmandade que funcionava paralela ás escolas que segundo as testemunhas chegou a reunir vários centos de exemplares. Não se deve esquecer o funcionamento da irmandade como centro de reunião, educação e formação polos seus membros das futuras bases.

Adequirido un fermoso moble-libreiría para a nosa biblioteca, rogamos aos irmáns nos axuden na nosa labor enviando libros.

Temos recibido xá de doña Francisca Herrera os seus tomos de versos e prosa "Sorrisas e bágoas", "Almas de muller" e Néveda".

D. Euxenio Carré Aldao enviounos 18 volumes de diversos autores.

Os irmáns Carre Alvarellos fixérono tamén das suas obras.

("Biblioteca da Irmandade", *A Nosa Terra*, 193, 1-10-1923.)

Continúan algúns irmáns enviándonos libros que moito agradecemos.

De D. Francisco Balboa recibimos 15 exemplares de diversos autores e unha colección de revistas.

O notabre poeta López Abente, enviounos tamén os seus apreciados tomos de versos "Escumas da Riveira" e "Alento de Raza".

("Biblioteca da Irmandade", *A Nosa Terra*, 194, 1-11-1923.)

A campaña prossegue, insistindo no aspecto económico e na importancia da cuestión. Numa palestra que pronunciou un dos conselleiros da Irmandade, Federico Zamora, sobre a historia, logros e perspectivas do grupo nacionalista falava da importancia que poderiam e deberiam ter as "Escolas do Insiño Galego":

Precisamente nestes momentos tratamos de levar a práctica a mais grande obra que seguramente até o d- agora leva feito a Irmandade, senon se oculta que cecais seña a empresa algo soñadora, un tanto atrevida, si queredes, pero señores e d-unha trascendencia tan grande, que si agora quedase a obra en marcha -que coido quedará- podriamos decir que puxemol-a primeira pedra da nova cultura galega.

AS ESCOLAS DO INSIÑO GALEGO

Atentos sempre a lle dar o máximo grado d-elevación cultural as xentes da nosa terra -que tan fallas d-instrución s'atopan por mor dos *nosos goberniños*- temos mentes de deixar en boa marcha as Primeiras Escolas do Insiño Galego.

Coido que vos decataredes do que siñifica ista nova xenial idea da Irmandade, a creación d-istas escolas trai aparelado consigo mesmo a formación d-unha lexítima mocidade de concencia en todos aqueles neníños que teñan a fortuna de ter cabida nas devanditas escolas.

As Escolas do Insiño Galego serán a pedra angular na que descansará no futuro o movemento galego, serán os cimentos do pleno rexurdimento d'aqueles valores que temos e que fican descoñecidos para moita xente, e que por non ter cecais vagar para elo, ou non preocuparse endexamais d-estudal-os, e que os nosos inteleituales de todos temposno-nol-os deran a coñecer en forma axeitada e aos alcances de total-as fortunas, para que co-ilo chegaran ás mans do pobo serán o medio mais doado para dar a coñecer ás novas xeneracións todo aquilo que como Galegos que son lles intresa o coñecer a fondo para se decatar en todo momento das nosas groriosas tradicións, para que poidan ter unha orientación exacta sobor da

nosa Historia, da nosa Xeografía, das nosas costumes, do noso Arte en xeneral que é por poucos coñecido e por todos esquecido.

O sostenimento d-istas escolas, terá que ser por suscricións mensuales entre todos os galegos -sin distinción de matices- co-a cuota que voluntariamente queiran suscribirse cada mes, pol-a miña parte, e dende aquí fago un novo chamamento aos corazóns de todos os galegos para que contribúan co seu grao d-area ao sostenimento d-istas escolas.

Dándonos perfecta conta do que deben ser estas Escolas, a insiñanza nas mesmas será no idioma Hespáñol, botando man da nosa lingua para mellor enserguemento dos nenínos en todos aqueles casos que o escolante o coide necesario.

Ben sabemol-os escollos que teremos de vencer para levar a cabo esta grande idea - pero si todos nos axudamos nada hai difícil- unha das cousas máis difíciles d-atopar nos primeiros momentos, sería a falla de mestres ou Escolantes, e a propósito d-isto vou deciros algo sobre o comezo de L'Associació protectora de L'Ensenyança Catalana, que na actualidade conta con 25.000 Protectores.

Ista asociación nos seus comenzos tivo os mesmos tropezos que nos temos, e foron os seus apuros somellantes aos nosos.

Para chegar á cubrir os seus cativos presupostos tiñan necesidade de saír ás ruas os mesmos dirixentes, e vender publicamente, postales, folletos, insinias, bandeiriñas e moitas máis cousas de propaganda.

Tiveron a sorte d-atopar un mestre que inda hoxe o pobo catalán lle non rindiu o homenaxe de que foi merecente. Iste mestre chamado Xaime Arqué Clapés tiña unha fé tan grande n-aquela primeira Escola Nacional Catalana, que despois de rematar as horas que adicaba ao insiño enchía os petos de exemplares de Xeografía de Cataluña e comezaba a facer unha verdadeira peregrinación, pol-as Sociedades, Cafés, Comercios, e todos aqueles sitios nos que a xente adoitaba a se reunir a cotío para ofrecerlle os ditos exemplares, e agora dous, máis adiante catro, alí un, máis aló seis, aquí unha bulrra (sic) -que de todo hai n-este mundo- alí unha surisa (sic), máis adiante unhas verbas de estímulo, chegaba a súa casa satisfeito do deber cumprido e disposto para o seguinte día reanudar a súa labor patriótica. ¿Sabedes canto ganaba en cada Xeografía?... ¡un patacón!

¿Qué? ¿non sería posíble que nós tamén topáramos un novo Xaime Arqué, un novo patricio galego que se sintira con folgos d-abondo para facer unha labor semellante á d-iste devandito patriota Catalán?

Meus irmáns: queira Deus que en todas as vilas e cidades nas que existan ou poidan existir Irmandades da Fala, teñan no seu local unha escola semellante ás nosas, e tende en conta que o axudar ás Escolas do Insiño Galego é obra santa e patriótica. ("As conferencias da Irmandade", *A Nosa Terra*, 197, 1-2-1924.)

No marco da Ditadura, a aposta dos irmandinhos ademais da innovación pedagóxica forma parte duma contestación organizada, na que, como se pode ver, o feito cultural, editorial e pedagóxico vão en ordem á reivindicación política. Merece recuperarmos certos trechinhos moi actuais:

["Os idiomas rexionales. Cataluña e Galicia", *A Nosa Terra*, 197, 1-2-1924.](#)

Traducimos da 'Correspondencia de España', referíndose â Real orden do 21 do pasado sobre reglamentación do ensino das linguas rexionaes:

"A doutrina mantida parécenos acertada por se axustar ao actualmente lexislado no noso país. Nos centros oficiás non poden ensináse mais idiomas que aqueles sinaladamente autorizados nos nosos plás vixentes do insiño superior. Os razonamentos que na R.O. se fan son craros e controvertibles. Mais tamén é d'unha equidade suprema o que na mesma se consina respecto do insiño, na orde privada, de dialeitos e linguas rexionaes, que é libre, "porque non existe ningunha disposición que o prohiba".

Con arrego ao agora disposto, suprimíranse os cursos de Gramática catalá que se daban dende 1916 na Escola Normal de Maestras de Lérida. En troques é xusto que se permitan os cursos de Gramática e Literatura catalás que ibanse inaugurar na Asociación Proteitora do insiño catalá en Villafranca, e que foron suspendidos pol-a autoridade local antes, craro está, de que publicase a "Gaceta" a derradeira disposición superior, que restabrece a reita doutrina en materia do insiño, sistinguindo a oficial da privada.

[...]

Comprácenos ver que algún diario madrileño reconece a xusticia do dereito que temos catalás e galegos para desexar a grandeza da nosa literatura particularísima, que por ser na nosa fala é a única que podemos chamarlle verdadeiramente "nosa".

"Fomentando o insiño. As Escolas da Irmandade", *A Nosa Terra*, 197, 1-2-1924.

O xefe do actual Goberno ten dito en varias ocasións que *se robustecería a personalidade das rexións* e que *habería respecto para as linguas rexionaes*.

Así o creimos sempre, non sô por ser unha cousa xusta senón tamén indispensable [...].

Así o pregoa tamén a Real orden do 21 de Nadal publicada na "Gaceta" do 29 no que no seu preámbulo dí:

"Considerando que no existe ninguna disposición que prohiba en el orden privado la enseñanza de dialectos o lenguas regionales, por lo que sin incluirla en los establecimientos oficiales pueda considerarse su enseñanza y práctica particular".

Pol-o tanto nas "Escolas do Insiño Galego" temos perfeitísimo dereito á cultivar o noso idioma, que tantos froitos leva dado va (sic) na nosa literatura, e que tantos aínda pode dar.

Pol-o demais, xa é sabido que, nas escolas, que axiña se abrirán, faráse o insiño no idioma hespañol, pois entendemos que mellor é saber dous idiomas que un sô, e que pol-o de hoxe para o estudo é indispensable facelo así, aínda que tamén por ser necesario faranse algunhas espricaciós en galego para que os nenos poidan comprender mellor as cousas.

*

Van por tan bon camiño as xestións do Comité fundador d'istas Escolas, que xa encarregou o utensilio perciso para as mesmas, e si, como é d'agardar, todol-os galegos que levan o patritismo mais arraigado que nos beizos acuden a iscribirse como socios proteitores, axiña inauguraremos as primeiras crases.

Ao final d'istas liñas publicamos a segunda lista de proteitores para que sirva de exemplo a aqueles que aínda non se teñen decidido a axudarnos na patriótica obra de matal-o analfabetismo en Galicia e lles faga pensar na insignificancia do sacrificio, xá que a cuota mínima mensual é inferior ao valor de catro cigarrillos diarios que han de se trocare en fume.

"Fomentado a cultura. As Escolas do Insiño Galego", *A Nosa Terra*, 199, 1-4-1924.

As escolas que a Irmandade da Fala ten en organización, nas que se dará ensino gratuito aos fillos dos asociados van por tan bo camiño que xa se recibiron algunhas das mesas, feitas con suxeición aos modelos máis modernos; mercáronse libros e demais materiaes, a faráse canto sexa preciso para inauguralas axiña, tendo en conta que na Cruña fan falla moitas escolas.

O sacrificio que se impoñen algúns bós galegos amantes da cultura e do progreso, que contribúen con cuotas mensaes para cubrir os gastos que as escolas orixinan, é merecente das máis grandes gabanzas e do agradecimento do pobo á que benefician co seu honroso proceder, que deberan imitar todol-os galegos, para que nin un soyo neno quedara sen recibir a instrución necesaria.

Os irmáns proteitores d'estas escolas poden ver no local da Irmandade o material adquirido.

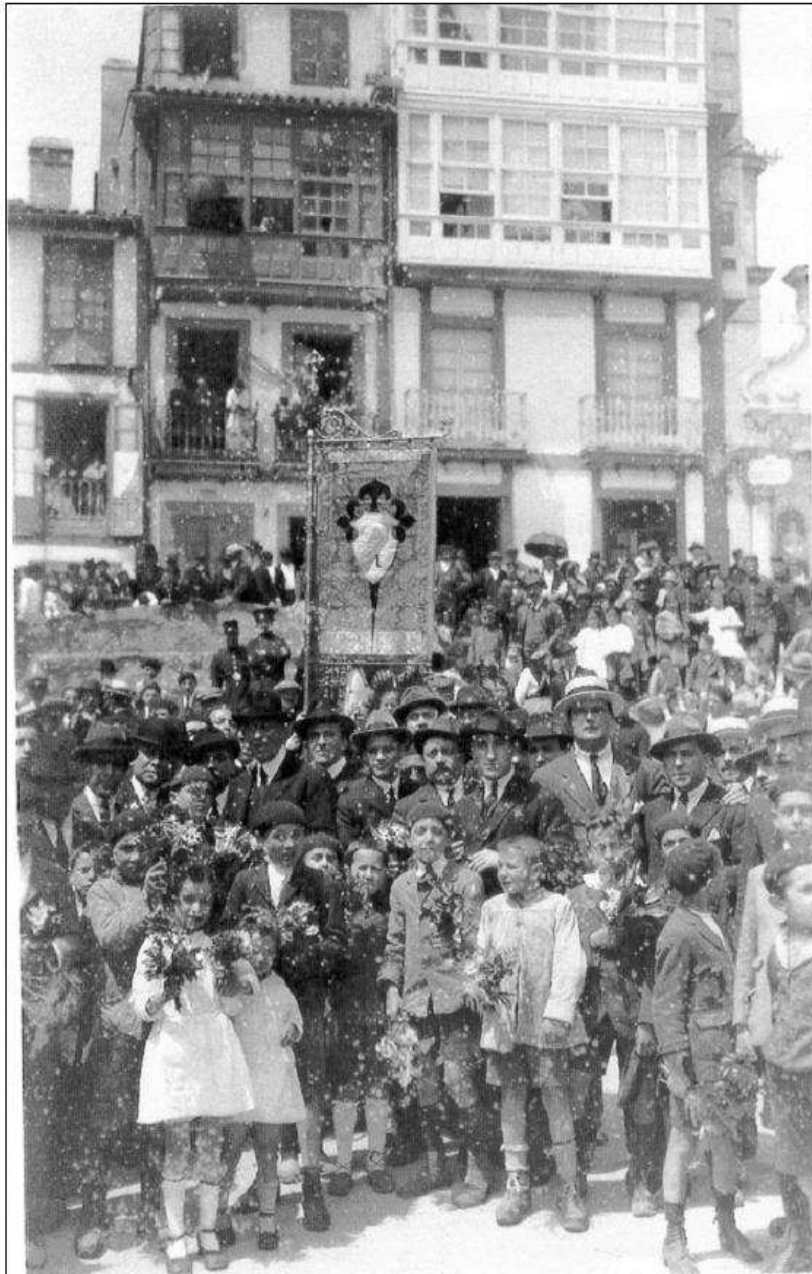
Tamén desexamos que cantos simpaticen coa obra do fomento da cultura que se impuxo esta Irmandade, pasen a informarse na Secretaria das condicións en que habrá de funcionar esta escola na seguranza de que han contribuir tamén ca súa axuda ao sostenimento de tan beneficosa (sic) é importante institución

Depois de quase um ano de esforço as escolas começaram a funcionar nos locais da Irmandade da praza de María Pita, 17, baixo, pasando logo à rúa Real, 36, onde estará também a editorial "Lar" e onde vivia Ánxel Casal:

A nosa querida Irmandade, que nos oito anos que tén de eistencia esforzouse sempre por cumprir o nobre fin para que foi creada lle non importando as vicisitudes por que pasou e as altas e baixas dos tempos tan mudados agora, acábase de trasladar de domicilio. Vai ocupar un primeiro andar na rúa Real nº 36 onde fican dende agora estabrecidas as oficiñas da "Irmandade" de "A Nosa Terra" e as "Escolas do Insiño Galego" que como saben nosos lectores veñen funcionando dende fai dous meses con asistencia de máis de vinte rapaciños ("A irmandade da Cruña", *A Nosa Terra*, 202, 1-7-1924.)

IV. Um projecto escolar

E na escola –nadin eu- desnacionalizarono a vosté, enseñaronlle a renegar de todo o galego. Agora nos queremos pr'os nosos fillos escolas onde se lles dea a cultura do mundo no idioma de suas abos, e teremos como causa de ledicia que cando preguntemos os nosos rapaces se lles gusta o xantar contesten: ¡Sabe que gorenta! ¡E que veñan os que discurran com'os da mesa redonda do ano sesenta!... *Lois Porteiro Garea, 1918*



[Homenagem aos Mortos, março ca.1927-8, Fotografia do arquivo familiar de Elvira Varela Bao]

Temo-nos referido até agora aos trabalhos da Irmandade da Fala para organizar a Escola. O mais entusiasta, e quem em realidade vai ir fazendo-se cargo da proposta até a tornar na iniciativa das Escolas da irmandade, será o próprio Ánxel Casal. Facto que não admira dado que um dos objectivos que Casal defenderá ao longo da sua vida e actuação galeguista, como editor e político, será a importância e necessidade da educação das classes desfavorecidas, e a pertinência, não já da educação em galego, senão mesmo de uma educação galeguista e aberta, a longo prazo, que permita alicerçar o ambiente propício as futuras gerações.

Sob o magistério saudoso de Porteiro, seguindo as máximas pedagógicas do grande Viqueira e aproveitando os exemplos generosos dos seus mestres Florencio Vaamonde Lores, Francisco Tettamancy, Uxio Carré Aldao e Manuel Lugris, Casal praticará um modelo escolar de avançada, perfeitamente coerente com o mais adiantado do seu tempo. A contrario do modelo escolar imperante, a escola galeguista não impulsará uma educação memorística nem adoutrinadora, antes bem dentro da linha republicana, liberal e laica que conforma o pensamento clássico do galeguismo “industrial” da Crunha e a dos grupos ambientais em que se move.

O galeguismo da Crunha, como muitas vezes lembraria um dos seus derradeiros discípulos, o mui infelizmente esquecido Marínhas del Valle, percorrera um caminho singular desde o federalismo originário até agromar, nos seus tempos moços, daquela singular mocidade de estrelas tocada de progressismo e ilusões, em contacto e como parte mesmo das correntes libertárias, antifascistas, socialistas e comunistas.

Volvendo às mocidades dos anos 30/36 nom me arriscarei a dizer como eram. Ainda que hoje os menos velhos já remontam os setenta e cinco nom som tam grandes os cámbios experimentados que nom se poda deducir do que cada um é hoje o que onte era. Os grupos reunidos na Federación de Mocidades Galeguistas estavam os mais deles constituídos por estudantes universitários agás um no que eu me vi integrado que só depois de vários meses de actividade ingressou dous moços estudantes de Direito, o resto era gente trabalhadora no comercio e a industria locais, com menos preparaçom humanística que os outros e mais progressismo político e social. Calculo que com os primeiros teria o Castela de pre-guerra mais fácil a comunicaçom que com a caterva marxista que predominava entre os meus camaradas sem que faltassem anarquistas, troskistas, sindicalistas em controversia constante. Unicamente os mantinha unidos o nacionalismo a ultranza que mostrava ser laço suficientemente forte para evitar que o bloco britasse em cascalho. Atura-me esses rapazes. Me pedia alarmado Plácido Castro sem ver que, fosse por propria índole ou por contágio era eu (que os presidia) tam ingovernavel como eles.

(Jenaro Marínhas, “Sempre em Mocidade”, Prólogo a García Negro & Casal: *O ensino da língua, por um cámbio de rumbo*, A Coruña, ASPG, 1995,

Naquela mocidade brilhavam com própria luz Fausto Brand (Leandrinho Carré Brandariz), o seu curmão Ugio e o maior dos irmãos Galán Calvete, Pedro. Eles, junto a outros rapazes (Manolinha Somoza, Elivira Varela, Manuel Casal, Antón Mateo Pena, José Mosquera,

Fernando e Juan Antonio Suárez, Carlos Fontenla, Genaro Ruano) seriam o fruto digníssimo daquele belo sonho semeador de Casal:

SEMENTEMOS

Istes tempos non son tempos de trunfo, son tempos de loita; de loita individual e en todol-os terreos: no traballo, no café, na rúa... contra un e contra todos.

Pero namentras non ven o día da colleita é preciso intensificar a sementeira, para que non teñamos que nos doere de non haber rendido toda a labore que debíamos e que a patria merecía.

E como quizais a nosa xeneración non será a que vexa brilar con todo o esplendore a estrela que nos guía; é indispensable, para qu' o noso traballo non sexa interrompido, cuidar da educación dos que veñen. Por elo agardamos de todol-os galegos que contribuirán ao sostenimento das ESCOLAS ROSALÍA do I.G. e das ROLADAS que organizaranse por toda a TERRA

A. CASAL. (*A Nosa Terra*, 203, 25-7-1924)

Segundo información facilitada por Jenaro Marinho del Valle, despois reproducida no formoso artigo (ANT nº 700, 16-11-1995) com que comezávamos esta serie, as escolas, iniciaram, sem qualquer apoio institucional, as suas actividades em Abril do ano 1924 (outras testemunhas apontam para o 23 Abril desse ano) despois de oito meses de propostas, polémicas e gestação.

Por ele e outras testemunhas dispersas (Mateo Pena, Manoliña Somoza e Fernando Suárez, ex-alumnos da Escola da irmandade, Elvira Varela, Benito Ferreiro e Manuel Casal) sabemos que aquele era um ensino aberto e multidisciplinar, com a marcada senha laica e progressista que daquela distinguia muitas escolas privadas e mestres particulares da Crunha. O ensino potenciaría, para além doutros conhecimentos, o uso do galego, mas não se impunha nenhuma ideologia ou pauta galeguista, isso estava no ambiente, na música, nos livros, nos desenhos nas paredes.

Faziam-se, seguindo a linha dos grupos de "Amigos del Campo" (ecologistas precursores de que derivariam na década seguinte as actividades naturistas e nudistas dos moços de "El resplandor en el Abismo" com que enceta a última novela de M. Rivas) excursões e passeios educativos polo campo, a conversar com os paisanos ou visitas guiadas à "Granja escuela" que dirigia o irmão da fala Francisco Rey Barral (despois um dos responsáveis da revista satírico-política *La Draga*) ao porto onde servia de guia o bom Benito Ferreiro (empregado da Consignatária Molina), ou à fábrica de calçado de Ángel Senra (onde trabalhavam Federico Zamora, Alfredo Somoza e Vítor Casas).

O ensino pretendia seguir as linhas da INLE onde se formara Viqueira, e onde conhecera a que seria a sua dona, Jacinta Landa (sobrinha de Cossio e discípula dilecta deste). A Jacinta Landa

deve-se muito do modelo teórico-pedagógico do projecto, pedagogia que mais tarde desenvolveria pessoalmente no projecto de elite “Instituto Plurilingue” de Madrid (do que seria co-directora). Não existia, nessa linha, um único texto, mas livros, que facilitava Casal (com os contributos de Carré, Lesta Meis e Lugrís). O editor explicava ortografia e leitura: galego, castelhano e francês (disciplinas para as que como mestre impressor e antigo tradutor estava especialmente dotado).

Contava, aliás, com o apoio da sua dona Maria Miramontes e com Elvira Bao, mestra no Lazareto de tuberculosos de Oça (pioneira no que hoje chamaríamos educação especial) e o seu homem Bernardino Varela professor preparador de Náutica, que ensinava geografia (cartografia), matemática e inglês.

As classes eram participativas, abertas a palestras externas, músicos, pintores e escritores galeguistas. Cebreiro aprendia-lhes a desenhar e alguma vez o próprio Castela, de visita, sentava-se a aprender-lhes as bases do desenho. Baldomir, grande amigo de Bernardino e Casal aprendia canto e improvisava ao piano. Também passariam pelo local Otero Pedrayo, os Vilar Ponte ou Lesta Meis a lerem contos ou dar subgerentes palestras para tão exigente público.

Em palavras de Leandró Carré, outro dos assíduos das Escolas, pode se olhar tanto uma modernidade pragmática como a emoção e interesse que despertara a iniciativa:

¡Oh! se os mestres ensinaran na escola o amor á Galicia, se lles fixeran comprender aos seus alumnos que o verdadeiro patriotismo consiste en facer próspera e rica á propia Terra nai; se en vez de facerlles adprender coma loritos os nomes dos reis godos ou o número de gloriosas derrotas que sufríu Hespaña en todo tempo, lles ensinasen a conocer as produciós do país e as industrias que se poideran implantar nel, e sobre todo, lles inculcasen a idea de que a sua propia vontade é d'abondo para trocar a vida de larchana, homilde e pobre en activa, varil e rica, eses nenos cando chegaran á ser homes saberían poñer á Galicia no cume dos países frorecentes e progresivos, e daquela os galegos non serían, non, tratados como mansas ovellas.

Quizais a circunstancia de verse forzados a soster pol-os propios medios algunhas instituciós de ensinanza, encomece a facer ver nas xentes o inutil e perxudicial da suxeición á normas e sistemas dos gobernos, e á comenencia, pol-a lei de buscar rumbos mais adecuados ás necesidades do país, e ventaxas na independencia da vida, dos estudos que fagan utilizar, para exclusiva utilidade, aqueles medios e aquelas ensinanzas mais ventaxosas.

E por outra parte, sen lle deber nada ao Estado, cada galego mais satisfeito de sí mesmo, e co orgullo de quen é o que é pol-o seu único esforzo, sen axuda de ninguén afacerase mellor a se considerare superior á todos os demáis e saberá facer beneficosa canta riqueza garda no seu seo esta Terra vizosa de Galicia, improductiva agora pol-a falsa cultura e orientación equivocada que lles deron aos que hoxe son homes.

(CARRÉ, Leandro, "Os estudos que son precisos en Galicia", *A Nosa Terra*, 202, 1-7-1924.)

Também colaboravam os americanos, aqueles “arredistas” da Pondal:

A X.D. da Sociedade Nazonalista Pondal, co-a comprensión, e o patriotismo que pon en todo quanto se relaciona co a gloria e proveito da Terra, considerou na xuntanza do día 8 do mes corrente, unha proposta encamiñada a crear unha sociedade ou "comité" protector da Escola Galega [...]

A FOUCE, ao cumprir o mandato da X.D. da "Pondal", de facer pública a patriótica idea de crear unha Sociedade protectora da Escola nazonal galega, espera que todos a fagan sua, que todos se sintan obrigados a traballar na súa reiazón, sin que pesen ren, os agravios, e as diferenzas de criterio, que nos separan n'outro orden de cousas.

A escola galega, a escola que faga dos nosos nenos, homes consustanciados coa Tera, é obra que xa debera terse iniciado d'acordo a un plan sistematizado; non se fixo n'este senso, mais que o pouco que a irmandade da Cruña, raizou coa súa escola oxe pechada

As nosas escolas, as que se sosteñen con cartos d'América, non se conforman co-a laboura desgaleguizante das escolas hespañolas, van mais lonxe: Desgaleguizan e ourentan os nosos nenos hacia a emigración, e para colmar a medida, chegan a obsecuencia servil, cos países en que residen os sostedores, que non outra cousa é, a adopción dos textos oficiais de historia xeográfica etc. d'estes países d'América.

Este mal, esta vergoña, é mester que fine dunha vez; pra elo imponse que os motivos das nosas divisións, fiquen no termo en que deben estar, e traballemos unidos na laboura galeguizadora que a todos nos intresa.

("A creazón da escola galega, como toda laboura galeguizante debe contar con orgaizazóns que cordinen e metodicen a acción de todol-os galeguistas", *A Fouce*, 31, 15-4-1931)

O funcionamento das escolas, sujeitas á vontade e esforço de Casal, deram em poucos anos um fruto, quando menos de certo interesse no que supunham de inovação social e pedagógica. Tanto no seu funcionamento e actividades como na participación civil nos actos do galeguismo:

ACTIVIDADES

Celebrouse o domingo 8, asistindo representaciós do Concello, Reunión de Artesanos, Instituto de Estudios Gallegos, «Cántigas da Terra», «Saudade» e alguns centros docentes. Da Irmandade concurriu unha nutridísima representación con varios nenos das Escolas Rosalía de Castro que portaban os ramos de frores que a Irmandade ofrendou aos ilustres mortos (eram Curros, Pondal, Chané, Adalid, Murguía, Martínez Salazar e Tettamancy).[...]

A representación da Irmandade foi despois ao Cimiterio civil a deixar frores nas campas dos irmans inesquencidos Xurxo Parga e Ricardo Carballal.

("O homenaxe aos mortos", *A Nosa Terra*, 211, 1-4-1925.)

como no que supunham de ruptura ambiental para os poucos alumnos que a frequentavam:

Na Coruña os Casal termaran da primeira escola que ensinaba integramente en galego. Manoliña Somoza conta nas súas conversas co autor deste libro coma as suas compañeiras de colexio se rían dela cando nos actos de fin de curso recitaba algunha poesía en galego: «Manolita es de la aldea» decían.

(SIXIREI, Carlos *Alfredo Somoza. Encadramento histórico dunha figura esquecida do galeguismo*, Ediciós do Castro/Documentos 37, Sada-A Coruña, 1987, p. 39.)

Manolinha, a filha de Alfredo Somoza, estudava no colégio laico Enrique Dequit, mas participava das actividades extra-escolares da escola das irmandades. Segundo ela lembrava, “os domingos iam à sede das Irmandades visitar a Casal. No inverno a associação crunhesa "Amantes del Campo" organizava caminhadas a lugares próximos à Crunha e nelas participava pessoal galeguista e republicano, criando um ambiente favorável ao nacionalismo entre a gente moça. Entre esta mocidade estavam os rapazes que estudavam nos cursos em galego que ministravam na escola da Irmandade Casal e a sua dona Maruxa. Também assistiam todos os anos à processão cívica que organizava o Circo de Artesãos até o cemitério para fazer a homenagem floral a Curros e Chané diante da cruz dos esquecidos”.

Pois, Casal tinha uma visão mais ampla do problema da educação. Filho de uma analfabeta, autodidacta, discípulo de Porteiro e Viqueira (admiradores de Costa e o segundo formado na ILE), orientava as iniciativas, como a produção dos livros sobre todo ao povo e especialmente cara o rural. Pois os alunos das escolas não eram apenas os filhos dos galeguistas. Uma parte principal dos rapazes deste seu ensino eram de classes baixas, trabalhadores que repartiam a sua jornada com o aprendizado de diversos ofícios (como Pedro Galán Calvete, a quem conseguiram Vítor Casas e Ángel del Castillo um emprego de moço em La Terraza, ou José Mosquera e Antón Mateo Pena, que tomara Casal como aprendizes da sua imprensa). A preocupação de Casal pola alfabetização era uma constante:

Meu querido curmán:

Non sei si te lembrás de que cando viñamos para Arzua dixécheme que dudabas de que a Terra se movía, e d’aquela meteuseme na cabeza mandarche unha Xeografía pra que léndoa comprendeses ese e outros fenómenos do universo e como tiñamos que imprimir eiqú unha, agardei a téla rematada para escribirchee oxe que xa está envíocho i-escriboche. [...]

Dirás si os nenos van xa a gardar as vacas ou si aprenderon a lêr, pois é de supoñer que non quedarán, como Manuel, sin conocer as letras; por certo que podía aproveitar o tempo indo à escola que o mestre debe poñer pol-a noite e sinón ti mesmo podías poñerlle unhas leccións agora que son os días curtos i as noites longas. Si vos animades –ti a ensinarlle i-él a aprender-mandareivos un libro de lêtura. Outros mais vellos que él deprenderon i-él non ten porque quedar sin saber unha cousa que tanto val. [...]

(Carta, A Joaquin Castro Casal, Santiago 17 de Santos de 1931)

Os seus projectos de ensino popular, e ajeitado, o ensino misto, as aulas nocturnas e palestras semanais para adultos de ambos os sexos, as missões e universidades populares, os seus

desejos de fazer participar a intelectuais e entidades privadas na educação e financiamento, tudo faz parte de um projecto ou ideia mestra: “Fatura de corpo e de espírito” lema que Castelao escreveu ao pé do grande óleo do Hórreo que tinha como selo a editorial, queimada com ele no ano 36.

Ideias que, num meio hostil, tratará de impulsar a partir da sua editorial, publicando alguns manuais didácticos (em galego e castelhano) e multitude de obras narrativas e teatrais, orientadas a favorecer a leitura das classes populares e dos nenos. As irmandades eram perfeitamente conseqüentes com o tempo em que viviam (Vid. COSTA RICO, Antón, “El libro escolar gallego” en ESCOLANO BENITO, Agustín (Dir.), Historia ilustrada del libro escolar en España. Del Antiguo Régimen a la Segunda República, Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Biblioteca del Libro, 68, Madrid, 1997, pp. 579-597).

As escolas desapareceram com o traslado de Nós a Compostela. O magistério de Casal continuaria-se numa nova fase em Compostela, atingindo agora a mocidade universitária, mas isso é outra história.

A 28 de Maio, a Corporação municipal de Santiago, aceitava (a proposta dos galeguistas chefiados por Casal) dotar as escolas municipais e as dos arredores de livros galegos: gramática, historia e dicionário da língua galega, para os alunos se exercitarem na leitura e escrita do idioma galego. A corporação municipal, presidida por A. Casal, fixou a proposta e acordou que se adquirissem para as escolas municipais um total de 8 dicionários (Carré), varias Gramáticas (Lugrís) e Histórias de Galiza (Vilar Ponte), 8 exemplares das Cousas de Castelao, e 8 Cantares Gallegos de Rosalia (Livro de Actas, Concelho de Santiago, 28-5-36.).

Fruito das expectativas do Estatuto, começava a desenhar-se a política escolar que dotaria á Galiza de 1937 dum ensino bilingue. *La Voz de Galicia* do 7-5-36, anuncia porém, como novidade (sublinhado nosso), que:

SE IMPLANTARÁ EN LAS ESCUELAS EL USO DE LOS IDIOMAS REGIONALES, ADEMÁS DEL ESPAÑOL (sem informação)

Poucos dias antes do levantamento e na euforia do Plebiscito, a prensa anunciava um estilo de palestra que mal se poderia continuar senão muitas décadas mais tarde:

Conferencia radiada.- En los estudios de Unión Radio Galicia dará una conferencia el joven maestro don Avelino Pousa Antelo. Versará sobre "Autonomía, bilingüismo, Escola de Galicia.

(*La Voz de Galicia*, 18-6-36. Crónica de Santiago. *La Voz de Galicia*, 19-6-36. Conferencia radiada.- resume da conferencia."

Também aparecia este significativo anuncio nas páginas de *La Voz de Galicia* do domingo 28 de Junho de 1936, justo depois de comentarem as disposições estatutárias a respeito da língua galega na administração:

27

rios se hará por la Región mediante oposición o concurso convocados por la misma y ajustados a las leyes de la República. A ellos serán admitidos todos los funcionarios del Cuerpo con iguales derechos, pero dando preferencia a los que acrediten más perfecto conocimiento de la lengua y del derecho regionales.

Los Registradores de la Propiedad que nombrare el Estado para servir a Galicia, deberán acreditar conocimiento de las leyes de la Región, además de lo que preceptúa el último párrafo del artículo cuarto de este Estatuto.

Cursos de gallego

Darán comienzo el primero de julio bajo la dirección de don Bernardino Varela do Campo, Consejero de la "Irmandade da Fala", en Institución "Luis Vives", Avenida de José Lombardero, 16, chalet. Teléfono número 1391.

DE SOCIEDAD

Entre los decretos firmados ayer por el Presidente de la República, figura uno por el cual se asciende a jefe de Administración de segunda clase a nuestro muy querido amigo el competente y laborioso secretario del Gobierno civil de esta provincia, don Fausto Rubín, quien

PARA SER FELIZ

Con amor, libertad, trabajo y fiesta,
la madre, la mujer, la mesa puesta,
un hijo, una sonrisa, una canción...
Y un hogar, limpio, puesto con decoro,
con los muebles y suelos como el oro
merced al gran Encicástico ALIBON...

Concha García Lalallade
(Primer Premio en el Concurso de Poesías de Lumina S. A.)

de Madrid, nuestro amigo don Paulino Masip, encargado por aquel periódico de informaciones relativas a la campaña autonomista y Estatuto gallego.

Salió para Madrid, con su bella hija Mary, el concejal don Francisco Portela de Fano.

En el "Cristóbal Colón" sale mañana para La Habana, nuestro particular amigo don Cecilio Reigosa, acompañado de su bella esposa y su precioso hijo. Les deseamos un feliz viaje.

Ha dado a luz con toda felicidad una preciosa niña, la joven y bella esposa de nuestro estimado amigo don Fernando Vázquez Souto, de soltera Lola Rivero.

Felicitamos cordialmente a los jóvenes esposos, así como a los abuelos paternos, nuestros amigos los señores de Vázquez Pereiro.

En los exámenes celebrados en

el the-balle que organiza como de costumbre en honor de los forasteros el "Artabro H. C.", los cuales pueden concurrir lo mismo que sus asociados.

Desde París nos comunican don Alejandro García, propietario de La Espuma, que mañana lunes llegará a esta y pasado mañana martes presentará a la venta los artículos de última hora para trajes de noche, de gran vestir, campo, paseo y playa.

Tejidos de gran moda Picolina - Pauble - Chine, Clokeigeux, Pekin Mousa, Maroc, Clocknat. Mucho vestido blanco, mucho estampado para vestido y chaquetilla, mucho estampado para gran vestir con chaquetón o paletó, mucho artículo liso combinado con chaquetón estampado.

Grave accidente de automovil

CURSOS DE GALLEGO

Darán comienzo el primero de julio bajo la dirección de don Bernardino Varela do Campo, Consejero de la "Irmandade da Fala", en Institución "Luis Vives", Avenida de José Lombardero, 16, chalet. Teléfono número 391.

CODA

A escolarização em galego, à altura dos anos 20, não deixa de ser um experimento fundamental que tristemente não poderia ser desenvolvido na plenitude que dez anos mais tarde deveria ter-lhe outorgado o quadro estatutário. O processo, truncado de vez em 1936, já oferecia, graças a iniciativas particulares, entre as que se destacam por organização e continuidade as Escolas da Irmandade, os seus primeiros resultados.

Só podemos aventurar o que teria acontecido naquele 1937, centenário de Rosalia e García Ferreiro, Ano Jacobeu que coincidiria com o desenvolvimento autonómico daquele estatuto. Os fenómenos acontecidos por volta de 1982, a escolha linguística que provocaria a institucionalização da língua galega num ambiente bem diferente, e destinado a uma população mui diferente.

A promoção que começa a actuar e publicar por volta de 1930, em muitos casos já recebera uma educação parcialmente em galego, dispunha de manuais, gramáticas e dicionários mais ou menos elaborados e algum material de texto: geografia, etnografia, história e algum ensaio. Alunos como os Carvalho Calero, de Ferrol, Luis Seoane, ou os vinculados às escolas como Manoliña Somoza, os Carré, Jenaro Marinhas, Avelino Pousa, Manuel Casal, ou Pedro Galán Calvete serão donos duma tradição e conhecimentos que as duas gerações anteriores, e especialmente arredor de Anxel Casal, foram acumulando à espera do grande salto que se frustra, como as vidas de todos eles com o golpe militar de Julho de 1936.

E, como nos filmes, que aconteceu de toda aquela tropa contestatária e dos seus mestres?:

Ánxel Casal, como sabemos, foi passeado em 19 de Agosto de 1936

Maria Miramontes, viúva de Casal, exilou-se em Argentina, faleceu em 1954.

Jacinta Landa, viúva de Viqueira, exilou-se em México com as suas filhas.

Bernardino Varela, detido várias vezes, faleceu em depressão em 1944, a sua esposa, Elvira Varela, passou quase dous anos na cadeia de mulheres da Crunha, inabilitada para cargos públicos e para exercer depois como docente de por vida. Deu aulas particulares aos moços de poucos recursos, na sua casa de São Roque de Fora na Crunha. Permaneceu fiel aos seus princípios.

Manolinha Somoza seguiu o seu pai até o exílio em Montevideu, colaborou com ele na fundação e organização do Conselho da Galiza. Conservou a sua memória e arquivo.

Manuel Casal Agra, sumiu no silêncio de 1936 a 1995, porém, conservou livros, documentos fundamentais, a memória do seu irmão e foi prova viva de que o que aprendia a escrever e falar em galego, podia fazê-lo com mérito ainda trás tanto calar, faleceu em 1997.

Mosquera foi com Casal para Compostela, ali tornou-se no seu segundo em Nós, foi chamado à tropa e obrigado a combater na facção golpista. Trabalhou como impressor para diversas indústrias do ramo, lembrando sempre o magistério de Casal.

Fernando Suárez, nunca mais falou da barbárie que lhe levava amigos e irmão, virou um activista social e foi responsável por mais de trinta anos do funcionamento da benemérita Cozinha económica da Crunha, lá octogenário em 1996 ainda lembrava o exemplo humano de Casal e doutro dos mestres retaliados vencelhados a Germal: Manuel “o ferrolão”.

Antón Mateo Pena, aprendeu com Casal o seu ofício e dele aprendi eu o que dizia Casal da obriga de todos nós de ensinar o que sabemos aos que virão. Mestre impressor, deixou a Casal em 1934, pois não se afazia a Santiago, chegou a chefe do obradoiro de El Ideal gallego e de Moret, onde se aposentou. Nunca até falhou uma homenagem o seu mestre. Lembra ainda como máximo orgulho ter imprensado em ocre os *50 Homes por dez reás*, sob a vigilância meticulosa de Castelao e Casal.

José Galán Calvete, ainda vive, desde 1995 também não falta num acto de homenagem à memória de Ánxel Casal, é com Benito Ferreiro filho, Arturo Taracido filho e Federico Zamora filho membro fundador do Ateneu republicano. Os quatro com Elvira Varela e Jenaro Marinhos fontes memoriais fundamentais de humanidade maravilhosa e ampla cultura que chegam para entendermos a profundidade do poço a que nos arrastou a barbárie inculta, fascista, católica, machista e castrense.

Leandro Carré Brandariz (1912?-1936). Filho de Leandro Carré, vinculado ao partido sindicalista e ao galeguismo, escritor, jornalista e teórico de interesse foi incorporado às filas do exército golpista em Outono de 1936, desaparecendo na frente nas Astúrias em Maio de 1937. O seu pai procurou o seu cadáver sem êxito, sendo detido ao voltar a Crunha em Agosto de 1937. Na testemunha de Jenaro Marinhos del Valle: “Em 31 de Agosto próximo cumprirá-se o primeiro centenário do nascimento de Leandro Carré Alvarells, que nace, estuda, trabalha, casa e morre (1976) na Corunha, sofrendo por toda a segunda parte da sua vida umha mágoa que non cessa, que o ranha e lhe dói na alma como um cancro maligno sem cura nem alívio: a perda do único filho varom, vítima da repressom brutal das forças sublevadas contra a segunda república espanhola. Um filho que com pouco mais de vinte anos prometia continuar a tradiçom literária familiar com trabalhos que firmava com o pseudónimo Fausto Brand, abreviaçom do seu segundo apelido Brandariz. (“Lembrança de Carré, com excertos sobre teatro” in *AGALIA*, Nº13. primavera 1988).

Uxío Carré Naya, filho de Uxío Carré Alvarells, e curmão do citado, membro do POUM, associado à Soc. Cultural Resplandor en el Abismo e Presidente da UEA (Unión de Estudiantes Antifascistas). Morreu a 21 de Julho de 1936, coas armas na mão, abatido polas forças golpistas. Onde foi apanhado o seu corpo, num lameiro de Eiris, erigiu o seu pai a casa familiar, lugar onde décadas mais tarde encontraria acovilho a malta fulcral dos Xan Casal, Avilés de Taramancos e Raimundo Patiño.

Carlos Pérez Fontenla exilou-se na Argentina, dedicado ao comércio, retornou com a democracia sendo como tantos outros um vínculo entre os velhos e os novos activistas.

Pedro Galán Calvete, (1915-1936). Brilhante ex-aluno das escolas da Irmandade, discípulo preferido e amigo de Casal, Secretário da Mocidade Galeguista da Crunha, antigo membro dos Ultreyas, e do Comité de Estudiantes Antifascistas, presidido polo seu amigo Carré Brandariz. Orador republicano e galeguista de esquerda mui vencellado a Picallo e Seoane. Era uma das figuras mais significadas na mocidade crunhesa. Coursou estudos na Escola Profissional de Comércio da Corunha. Foi Secretário de Organização da Mocidade Galeguista da Corunha. Representou às mocidades da Corunha na assembleia fundacional da Federação de Mocidades Galeguistas celebrada em Ourense em janeiro de 1934, e fez parte do seu Conselho Nacional como conselheiro em representação da Comarca da Corunha. Trabalhou no departamento de contabilidade da empresa de xabrons «La Toja» ao mesmo tempo que realizou um intenso trabalho político e social, participando em actos públicos na Comarca da Corunha com Suárez Picallo, Antón Vilar Põe-te, Uxío Carré Naya, José Villaverde Vê-lo e Javier Pose. Também participou na criação do Clube do Mar, de cuja directiva fez parte em 1935 como vogal do comité de propaganda. Colaborou na nossa Terra com alguns textos.

Com a sublevación de 18 de julho rejeitou fugir embarcado a América do Norte que lhe ofereceu seu pai e seguiu levando uma vida normal, iniciando estudos de Direito. Foi detido o 10 de setembro de 1936, levado ao Cárcere da Corunha e depois à esquadra da polícia no Orzán. O 16 de setembro encontraram o seu cadáver numa valeta da Corveira. No registro civil consta que morreu a causa de hemorragia interna.

Genaro Ruano, e Juan António Suárez foram fuzilados em companhia de mais doutros 7 moços anarquistas, troskistas e galeguistas a 10 de Agosto de 1936, acusados de chefiar uma revolta anti-golpista entre os quintos da Crunha amareados no Mercado de São Agostinho. Foram cantando, e dando vivas à república e à Galiza ceive da cadeia até o campo de tiro que tinham os militares ao pé da Torre, o maldito Campo da rata.

Para sabermos mais:

Para este tema há uma mui documentada tese de doutoramento RIVAS BARRÓS, Isabel: *Galeguismo e pensamento pedagógico (1900-1936)*, Tese de doutoramento lida na Universidade de Santiago en 1997, Servicio de Publicacións e intercambio científico (formato CD, 1998). O apartado 4.2 “As escolas do ensino galego” (p. 315-376) recolle dados complementares e focalizando desde una perspectiva de pedagogia.

PORTO UCHA, A. S. : “Língua e escola em Joham Vicente Viqueira” em Actas / III Congreso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza, 1990, Vigo, 27, 28 e 29 de Setembro, M^a do Carmo Henríquez Salido, editora.- [A Crunha] : AGAL, 1992.-- p. 267-275.

TORRES REGUEIRO, Xesús, Xoán Vicente Viqueira e o Nacionalismo Galego, Edicións do Castro/ Documentos, 36, Sada-A Coruña, 1987. Em especial p. 61-68.

BIQUEIRA, J.V.: *João Vicente Biqueira (1886-1924), Obra selecta (poesia e ensaio)* / edição ao cuidado de António Gil Hernández, Cadernos do povo.- N. 43-45 (1998).

VIQUEIRA, J.V.: *Ensaíos e poesías*, Vigo: Galáxia, 1974.

CARRIL VÁZQUEZ, X.M.: Homenaxe a PEDRO GALÁN CALVETE(Mesa redonda Clube do Mar. 16 agosto 2003)

<http://archive.is/20121209151231/http://www.galizanova.org/gl/noticias/downloadDocumento/id/12#selection-55.0-61.43>